

Janyse Régia B. Santos

**Movimentando as Estruturas contra o Racismo
na Paraíba**

(Minicurso AYA - Resenha Crítica)

Julho de 2020

Minicurso AYA: Movimentando as Estruturas contra o Racismo na Paraíba

Ao iniciar esse resumo sobre o curso, logo minha alma artística se expressa e me vem à cabeça e à garganta os versos cantados por Clara Nunes: “Seu brilho parece um sol derramado, um céu prateado, um mar de estrelas”.

É assim que vejo hoje as mulheres negras, depois do minicurso, *um mar de estrelas...*

O módulo **Colonialismo, colonialidade e racismo estrutural**, temas tão complexos pra mim, encaminha-me a uma reflexão do quanto ainda tenho que aprender teoricamente. Bom saber que embora vivamos imersas nessas questões desde o nascimento, sem nos darmos conta de como tudo se estruturou, pego-me surpresa por me ver compreendendo a partir do olhar criativo de cada mulher que se expressou nesse debate.

Atravessar a ponte que me indica como o **Racismo** se estruturou traz-me um misto de dor e alívio. Dor por saber que cada atitude racista, a mim direcionada até hoje, foi fruto de uma construção perversa, desumana e egoísta (não apenas isso, óbvio); alívio por saber que quando nos damos conta dos fatos, nos fortalecemos.

As práticas colonialistas são tão presentes agora quanto no passado. As teorias descoloniais dão-nos conta do quanto ainda temos que lutar contra todas as formas de opressão, como nossas relações sociais são pautadas em poderes, saberes e seres racializados/as. Engrossar esse caldo com a interseccionalidade... Nossa!

Quantas figuras passaram, em minha vida, oprimidas por questões de raça, classe e gênero. Eu via, sentia, e doía em mim a situação delas, mas na minha infância e início da juventude era impossível, naquele contexto, ligar os pontos. Somente agora na maturidade rs, rs, é que me vejo adentrando por caminhos tão desafiadores.

Aline Djokic fala: “A cada mecha, a cada trança, uma memória, uma lembrança, que o medo não pode apagar.” Sim, nossas subjetividades, tornar-se negras, sujeitas de nossas histórias, ter a percepção de quem somos, como somos e como nos tornamos, romper com nossos medos, inquietações, angústias, são nossos passos seguros nessa caminhada.

No módulo **Feminismo Negro, Ancestralidade e Estratégias de Resistências**, mulheres enigmáticas foram referenciada, como Sueli Carneiro ecoando sua voz potente ao dizer: “Nós, mulheres negras, somos a vanguarda do movimento feministas neste país (...).” Essa fala revela toda a pujança da mulher negra que, com a força de sua **ancestralidade**, apresenta infinitas formas de **estratégias e resistências**.

Refletir sobre as inúmeras contribuições que os movimentos de mulheres negras têm feito em nosso país e Estado é perceber-se parte integrante de um projeto de presente e futuro, onde o **feminismo negro** ocupa seu espaço e caminha com nível merecidamente elevado. Como brotaram e brotam mulheres intelectuais e sensíveis que reverberam suas ações a olhos vistos.

Agora vem a memória D. Ivone Lara, em seu samba Sorriso Negro, ao cantar: “Um sorriso negro, um abraço negro, traz felicidade...”

Nossa **Arte** é resistência em qualquer parte, por isso cantamos desde as senzalas e aquilombamentos. O que são nossas rodas de samba, senão espaços de resistência? Enegrecer o feminismo é politizar, orientar, direcionar e transformar sob novas óticas os movimentos de mulheres negras rumo a novas práticas políticas.

No módulo **COLORISMO - alguns apontamentos sobre as relações raciais no Brasil**, deparo-me com esse tema polêmico e necessário, que considero muito especial. Discutir esse tema é lançar um outro olhar, digamos mais acurado, sobre o papel das relações étnico-raciais em nossa sociedade e seus possíveis desdobramentos. Nossa construção identitária é permeada pelo jogo das relações de poder e por padrões sociais.

Quando lembro que “queimei o casco da cabeça” com banhas pra alisar o cabelo há décadas, e até há alguns anos fazia “relaxamento” sabia porquê fazia? Sim, por uma estética imposta, embora não totalmente consciente.

Conceitos como, miscigenação, embranquecimento, pigmentocracia falam de coisas que estão postas, mas nem sempre perceptíveis. Lembro-me de Miguel, morador da minha cidade, que, ao vê-lo passar, as pessoas diziam: “É tão preto que chega é azul”. Sua pele brilhava, como sofria nosso Miguel, andava sempre cabisbaixo.

Sempre fui chamada de morena e quando comecei a me assumir negra ouvia dizerem: “você não é negra, é morena”. É, companheiras, é todo um processo do qual fazemos parte, somos sobreviventes com a sensação de que temos a obrigação de nos manter vivas o tempo todo.

Afirmarmo-nos esteticamente é visto como ameaça, e causa desconforto numa sociedade estruturalmente racista. As relações sociais entre brancos e não-brancos é tensionada pela branquitude e afins.

As relações interracialis no Brasil são conflituosas, sobretudo na contemporaneidade, onde a racialização dos debates, em seus variados temas, traz à tona questões que já não podem mais ser ignoradas. Segregar a população negra é agenda constante, usar a pluralidade dos modos de ser negro em nosso país é estratégia que merece cuidado e atenção.

Trago como fechamento um trecho da música, Mulher da minha vida de Margareth Meneses. Que a grandeza de Obá nos guie. Adupé!

“Mulher da minha vida eu prefiro ser

Lugar da mulherada é em qualquer lugar!”

Referências Fundamentais

FRANCISCO, Mônica da Silva. Discursos sobre colorismo: educação étnico-racial na contemporaneidade. Ensaios Filosóficos, Volume XVIII – Dezembro/2018

ALMEIDA, Sílvio Luiz de. Racismo estrutural. Col. Feminismos Plurais. São Paulo: Sueli Carneiro/Pólen, 2019.

AKOTIRENE, Carla Santos. O que é interseccionalidade?. Belo Horizonte: Letramento, 2018.

CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento , Estudos avançados, 17, n. 49, 2003 p.117-132